

ANÁLISE DO DESMATAMENTO NA BACIA DO RIO XINGU (2018-2020)
Sistema de Indicação por Radar de

Sistema de Indicação por Radar de Desmatamento no Xingu (SIRAD X)

Observatório De Olho no Xingu da Rede Xingu+



# SUMÁRIO

- 4 1 APRESENTAÇÃO
- 5 1.1 XINGU SOB BOLSONARO
- 6 1.2 BOICOTE ÀS ÁREAS PROTEGIDAS
- 9 1.3 CORREDOR DE ÁREAS PROTEGIDAS DO XINGU: DIVERSIDADE, ÁGUA E ESCUDO CONTRA A DESTRUIÇÃO
- 9 1.4 VENDO ATRAVÉS DAS NUVENS: O SISTEMA DE MONITORAMENTO SIRAD X
- 11 2 PRINCIPAIS RESULTADOS
- **12** 3 PARÁ
- 14 4 MATO GROSSO
- 15 4.1 DESMATAMENTO ILEGAL NO MATO GROSSO
- 17 5 TERRAS INDÍGENAS
- 19 6 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
- 7 ROUBO DE MADEIRA NA RESERVA EXTRATIVISTA RIOZINHO DO ANFRÍSIO

- 23 8 MINERAÇÃO ILEGAL
  - 24 8.1 TERRA INDÍGENA KAYAPÓ
  - 25 8.2 TERRA INDÍGENA BAÚ
- 27 9 CAR E O LOTEAMENTO VIRTUAL DA FES DO IRIRI
- 29 10 APA TRIUNFO DO XINGU, CAMPEÃ DE DESTRUIÇÃO
- 30 11 "CAÇA AOS ÍNDIOS": INVASÕES EXPLODEM NA TI TRINCHEIRA BACAJÁ
- **33** 12 IMPACTOS DA BR-**163**
- 34 13 FOGO E DESMATAMENTO
  - 34 13.1 AUMENTO DE FOCOS DE CALOR EM ÁREAS DE FLORESTA
- 36 13.2 AUMENTO DE FOCOS DE CALOR EM ÁREAS DE FLORESTA É MAIS ACENTUADO FORA DO CORREDOR
- 37 13.3 DENTRO DO CORREDOR A MAIORIA DOS FOCOS DE CALOR OCORRE EM ÁREAS DESMATADAS
- 37 13.4 FOGO E QUEIMADA NO MESMO ANO
- 45 14 CONCLUSÃO



#### 1.1 Xingu sob Bolsonaro

As Terras Indígenas e Unidade de Conservação da bacia do Xingu formam um grande corredor de Áreas Protegidas que se consolidaram como uma das mais efetivas barreiras contra o desmatamento na Amazônia brasileira. Ao passo que o território, localizado entre o Pará e o Mato Grosso, comporta uma vasta diversidade socioambiental, também é um dos epicentros do desmatamento ilegal na Amazônia.

Os resultados de três anos de monitoramento do Sirad X, o sistema de detecção de desmatamento da Rede Xingu +, revelam uma intensificação dos conflitos e disputas por terras e recursos naturais nas Áreas Protegidas do Xingu. Os casos mais críticos foram resumidos nesta Nota Técnica que sistematiza os principais resultados e descreve as dinâmicas do desmatamento na região.

Da explosão de grilagem na Terra Indígena Apyterewa e Trincheira Bacajá, onde os invasores ameaçam "caçar" os índios, à ação coordenada de fazendeiros que colocaram fogo na floresta, passando pelo lotamento virtual e ilegal em Unidades de Conservação, o cenário no Xingu é devastador. Entre 2018 e 2020, período, que coincide com a eleição e primeira metade do mandato de Bolsonaro, 513,5 mil hectares foram desmatados na bacia do Xingu. A área desmatada equivale a quase 5x do município de Belém (PA), em uma velocidade de 149 árvores derrubadas a cada minuto.

Nos últimos três anos, o avanço do desmatamento em duas frentes, em Novo Progresso e São Félix do Xingu, ameaça cortar o remanescente florestal da Floresta Estadual do Iriri, Pará. Longe de ser um fato isolado, isso pode acabar com a conectividade do Corredor Xingu, fragilizando ainda mais o território que hoje é a última barreira entre o novo arco do desmatamento e a Amazônia Oriental.

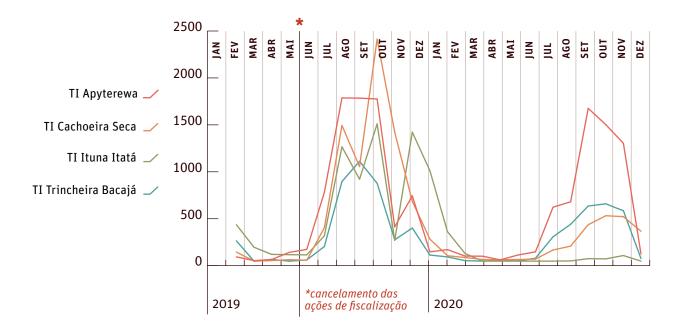
O INPE estima que 17% da cobertura original da Amazônia já foi desmatada, aproximando a floresta do "ponto de não retorno," calculado na perda de aproximadamente 20% da vegetação do bioma, quando a degradação atingirá um limite após o qual a floresta não conseguirá mais exercer sua função de manutenção climática, acarretando uma reação em cadeia na qual a vegetação ficará cada vez mais seca e vulnerável. A destruição do Corredor Xingu pode acelerar esse processo, sua proteção, portanto, é fundamental para a garantia da floresta, seus povos e do clima no planeta.

### 1.2 Boicote às Áreas Protegidas

O avanço do desmatamento, grilagem e mineração ilegal colocou as **Terras Indígenas Apyterewa, Cachoeira Seca, Ituna Itatá e Trincheira Bacajá** no topo do ranking das mais desmatadas na Amazônia em 2020.

As operações realizadas pelo Ibama entre novembro de 2019 e abril de 2020 nas Terras Indígenas Ituna Itatá, Cachoeira Seca, Trincheira Bacajá e Apyterewa conseguiram diminuir o desmatamento. Em março e abril de 2020, as TIs Apyterewa, Trincheira Bacajá e Cachoeira Seca tiveram redução de 40%, 49% e 47%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019. Na Ituna Itatá, o desmatamento foi zerado após as ações de fiscalização.

Em maio de 2020, no entanto, o desmatamento nas TIs Apyterewa e Trincheira Bacajá explodiu após o cancelamento, ainda não justificado, das ações de fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a exoneração dos fiscais responsáveis.



De 3 hectares desmatados em maio na Trincheira Bacajá, o desmatamento pulou para 411 hectares em agosto, um aumento de 12.980%, nos meses seguintes, entre setembro e dezembro, mais 1.847 ha foram desmatados nessa TI. Já na Apyterewa, o desmatamento aumentou em 393% no mês seguinte à suspensão das operações, e continuou crescendo: entre julho e dezembro foram desmatados 5,8 mil hectares, 1.287% ou quase 14 vezes mais do que o total desmatado entre janeiro e junho.

Os coordenadores das ações foram exonerados pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e pelo presidente do órgão ambiental, Eduardo Bim, apenas duas semanas após a operação realizada para combater garimpo ilegal na Amazônia, em abril. No início do mesmo mês, o então diretor de Proteção Ambiental, Olivaldi Azevedo, havia sido exonerado depois da repercussão de uma reportagem veiculada pelo programa Fantástico, da TV Globo, sobre a ação contra garimpeiros ilegais no Pará e expor a forma em que a grilagem na região envolve políticos locais e nacionais, alinhados ao presidente da República.

Em julho, a diretoria do Ibama pediu que a corregedoria investigue a ação dos servidores em abril e maio contra o garimpo ilegal e grilagem em Terras Indígenas no Pará. A solicitação foi feita após críticas expressas por prefeitos da região, senadores e até pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido) à atuação dos servidores.

### XINGU SOB BOLSONARO (2018-2020)TI Cachoreira Seca TI Ituna Itatá grileiros grileiros madereiros TI Trincheira Bacajá **ESEC DA TERRA DO MEIO** grileiros garimpeiros grileiros **TI Apyterewa** Flona de Altamira grileiros grileiros garimpeiros garimpeiros **APA Triunfo do Xingu FES do Iriri** grileiros grileiros garimpeiros Rebio Nascesntes da Serra do Cachimbo TI Kayapó grileiros garimpeiros Áreas sob risco de quebra de conectividade Bacia do Xingu Corredor de Áreas **Protegidas Do Xingu Limite Estadual** Desmatamento JAN/18 -DEZ/20 (SIRAD X) Desmatamento acumulado até 2017 (PRODES) **Terras Indígenas** mais desmatadas Unidades de Conservação mais desmatadas Terras Indígenas Unidades de Conservação

# 1.3 Corredor de Áreas Protegidas do Xingu: diversidade, água e escudo contra a destruição

A bacia do Rio Xingu compreende uma área de aproximadamente 53 milhões de hectares nos Estados do Pará e do Mato Grosso e abrange uma grande diversidade de povos e ecossistemas, de florestas densas e várzeas do bioma Amazônia até áreas de vegetação típicas do Cerrado. A bacia comporta um dos maiores mosaicos contínuos de Terras Indígenas e Unidades de Conservação no planeta: o Corredor de Áreas Protegidas do Xingu.

Com 21 Terras Indígenas e nove Unidades de Conservação, o Corredor é considerado uma das regiões com maior sociobiodiversidade no mundo, abrigando 26 povos indígenas e centenas de comunidades ribeirinhas. Há séculos esses povos tradicionais manejam e protegem suas florestas, que comportam um imenso conjunto de espécies de plantas e animais, algumas ainda desconhecidas pela ciência. Com uma uma área de mais de 26,5 milhões de hectares, o Corredor tem um papel crucial na proteção da Amazônia e do clima.

A região presta serviços ambientais inestimáveis ao planeta, da proteção de rios e nascentes à regulação do clima a nível local, regional e global. Suas vastas florestas representam uma das maiores e mais estáveis reservas de carbono na Amazônia oriental, estocam aproximadamente 16 bilhões de toneladas de CO2. Estima-se que suas árvores lancem para a atmosfera, por meio da evapotranspiração e da produção de compostos orgânicos voláteis que atuam como núcleos de condensação de chuva, de 880 milhões a 1 bilhão¹ de toneladas de água por dia, um volume similar ao que o rio Xingu despeja no Amazonas no mesmo período. Além de manter a umidade e temperatura em escala local, a água contribui para a manutenção da própria floresta. A água é transportada pelos chamados "rios voadores" para as regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, fornecendo a chuva para cidades e campos, essencial para a manutenção da atividade agropecuária.

1. Hercowitz 2015. Estudo para mensuração e valoração de serviços socioambientais no Corredor do Xingu, Instituto Socioambiental.

## 1.4 Vendo através das nuvens: o sistema de monitoramento Sirad X

Desde janeiro de 2018, a equipe do Sirad X, o sistema de monitoramento do Observatório De Olho no Xingu, da Rede Xingu+, vem acompanhando de perto a evolução do desmatamento na bacia do Xingu, particularmente, nas Terras Indígenas e Unidades de Conservação que formam o Corredor do Xingu. Foram três anos monitorando o território por meio de imagens de satélites ópticas e radar, tecnologia que facilita o monitoramento mesmo durante os meses de chuva na bacia, quando o céu está coberto de nuvens.

O desenvolvimento do **Sistema de Indicação por Radar de Desmatamento (Sirad)** surgiu em 2017, quando a Agência

Espacial Europeia (ESA) começou a adquirir e disponibilizar gratuitamente informações sobre a Amazônia brasileira usando o satélite Sentinel-1. Esse satélite transporta um sistema de radar orbital que permite 'enxergar' através das nuvens e gera imagens de alta qualidade. Métodos tradicionais de monitoramento utilizam um sensor passivo (sensor ótico Landsat e Modis), que detecta apenas o que reflete a luz do sol. Quando há barreiras (como as nuvens), não é possível detectar o desmatamento.

O Sirad consiste em uma série de algoritmos que processam as informações do Satélite Sentinel-1. Ele opera em uma plataforma chamada Google Earth Engine (GEE), que processa rapidamente grandes quantidades de informação. Uma equipe de analistas examina a bacia do Xingu procurando visualmente por anomalias nas imagens produzidas. Cada polígono de desmatamento é avaliado em função da sua proximidade com outros focos de degradação e com o histórico da região, e, caso necessário, são contatadas pessoas que conhecem o local para confirmar o desmatamento. O conhecimento de campo e a comunicação permanente com organizações parceiras locais de indígenas e ribeirinhos tem sido fundamental para a validação dos dados produzidos e consolidados durante os últimos três anos.

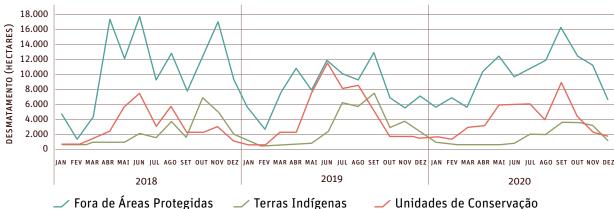
A cada dois meses, a equipe da Rede Xingu+ redige um boletim com os principais resultados do monitoramento. A cada edição são publicados os dados de desmatamento detectados ou registrados no período de análise e o detalhamento da situação em áreas críticas no Xingu. [Acesse aqui todas as edições do boletim Sirad X]



### **PRINCIPAIS RESULTADOS**

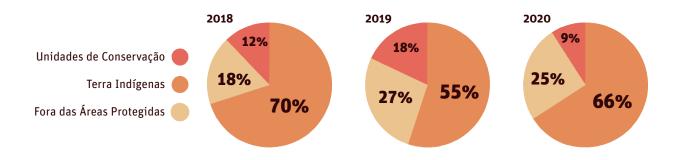
Entre 2018 e 2020 ao menos 513,5 mil hectares de desmatamento foram detectados na bacia hidrográfica do Xingu, o equivalente a quase 5x o município de Belém, no Pará. Desse total, 493,2 mil ha (96%) foram desmatados no bioma amazônico, em uma velocidade equivalente a 149 árvores derrubadas a cada minuto.

#### DESMATAMENTO NA BACIA DO XINGU POR ÁREA PROTEGIDA



**Figura 1:** Gráfico da distribuição do desmatamento por Área Protegida na bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2020.

Nos últimos três anos, o desmatamento dentro de Áreas Protegidas variou de 30%, em 2018, para 34%, em 2020, ao passo que a destruição fora dessas áreas diminuiu 7%. Esse processo revela o deslocamento do desmatamento para dentro dos territórios indígenas e de populações tradicionais, tendência que ficou evidente em 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro, quando houve uma alta de 38% do desmatamento dentro de Terras Indígenas (TI) e de 50% dentro de Unidades de Conservação (UC) na bacia. Essas taxas refletem a expectativa, naquele ano, da flexibilização das leis ambientais e a precarização das políticas de combate ao desmatamento, assim como a diminuição efetiva da fiscalização.



**Figura 2:** Proporção do desmatamento fora e dentro dos territórios legalmente protegidos.

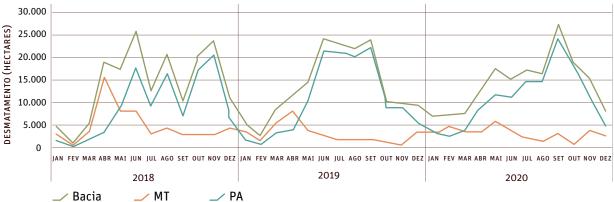


Em 2020, o inverso ocorreu. O desmatamento dentro das Unidades de Conservação e Terras Indígenas diminuiu 6% e 49%, respectivamente, enquanto em seu entorno aumentou 23%. A redução do desmatamento dentro das Áreas Protegidas ocorreu após ações concentradas de fiscalizações do Ibama em Terras Indígenas críticas da bacia, como a TI Cachoeira Seca e TI Ituna Itatá, cujos índices mostraram drástica redução no início de 2020.

### 3 PARÁ

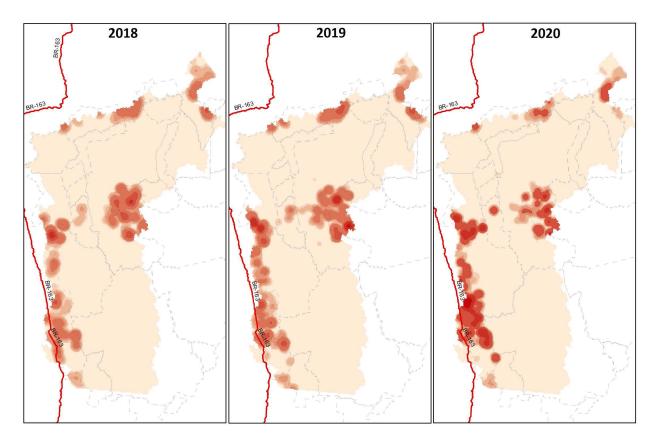
A região paraense da bacia se destacou pelos altos índices de desmatamento neste triênio com 374,3 mil ha de desmatamento, 73% do total detectado no período. Nesse estado, o desmatamento teve aumento de 16% em 2019, ano que ficou marcado pela intensificação de conflitos e disputa por terras em Áreas Protegidas.

#### DESMATAMENTO NA BACIA DO XINGU POR ESTADO



**Figura 3:** Gráfico da distribuição do desmatamento por estado na bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2020.

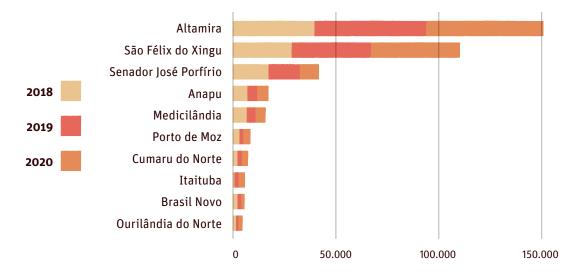
Altamira e São Félix do Xingu concentraram 70% do desmatamento da parte paraense da bacia do Xingu. Altamira, primeiro lugar do ranking dos municípios mais desmatados no Pará, compreende áreas intensamente desmatadas no estado. Localizado na região de influência de grandes obras de infraestrutura como a BR-163, a BR-230 (Transamazônica) e também a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, o município comporta a parte oeste da APA Triunfo do Xingu, Unidade de Conservação mais desmatada no Brasil.



**Figura 4:** Mapa de densidade do desmatamento no município de Altamira ao longo dos 3 anos de monitoramento do Sirad X.

Esses empreendimentos funcionam como vetores de pressão do desmatamento sobre as Áreas Protegidas do Corredor do Xingu. Entre 2018 e 2020, o desmatamento no município de Altamira só aumentou: mais de 150 mil hectares foram desmatados no período. O sudoeste do município, na região do distrito de Castelo dos Sonhos, concentrou a maior intensificação de desmatamento, impulsionada pela finalização do asfaltamento do último trecho da BR-163 no início de 2020.

#### MUNICÍPIOS MAIS DESMATADOS NA PORÇÃO PARAENSE DA BACIA DO XINGU



**Figura 5:** Gráfico dos municípios mais desmatados na região paraense da bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2020.



São Félix do Xingu, segundo lugar do ranking, também teve aumento no desmatamento em 2020, foram 12% a mais que em 2019 e 51% de aumento em relação a 2018. Ao todo, foram desmatados 110 mil ha em três anos, e desse total, 69% aconteceu dentro de Áreas Protegidas como a APA Triunfo do Xingu e a Terra Indígena Apyterewa. Segundo o Observatório do Clima, São Félix do Xingu é o município que mais emite gases de efeito estufa do Brasil, tanto pelas altas taxas de desmatamento como pelo rebanho bovino de mais de 2 milhões de cabeças.

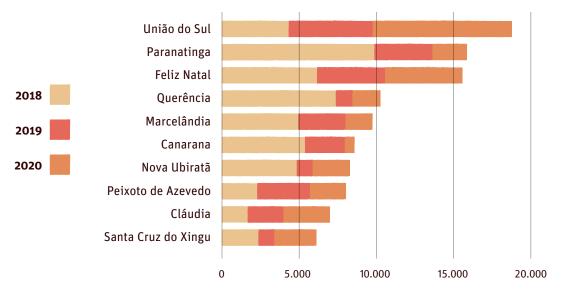
#### **4 MATO GROSSO**

A porção mato-grossense da bacia desmatou 139,1 mil ha nos últimos três anos, sendo 2018 o ano mais crítico, com 61,1 mil ha de floresta derrubada. Isso se deve, principalmente, ao desmatamento de quatros municípios que em 2018, apresentaram altos índices devido à abertura de grandes áreas contíguas e contribuíram com 45% do total desmatado: Querência, Canarana, Paranatinga e Marcelândia. Em 2019, esses municípios apresentaram redução significativa em suas taxas (-62%), provocando a redução de 38% no desmatamento nessa porção do estado.

2020 o desmatamento teve uma pequena alta (6%), sendo União do Sul o município com maior crescimento, concentrando 23% do total desmatado. Com mais de 9 mil hectares de floresta suprimida em seu território, União do Sul teve um aumento de 67% em relação a 2019 e de 111% em relação a 2018. Em Feliz Natal e Querência, também houve aumento, 13% e 77%, respectivamente ao se comparar com 2019.

Em contrapartida às reduções no desmatamento entre 2018 e 2020, houve um aumento de 138% no número de focos de calor na porção mato-grossense da bacia no mesmo período. Essa tendência pode ser explicada pelo aumento da incidência de focos de calor em áreas de floresta, que ocorrem, muitas vezes, devido às práticas mal manejadas de queimadas em propriedades rurais, que saem de controle e avançam sobre as florestas.

#### MUNICÍPIOS MAIS DESMATADOS NA PORÇÃO MATO-GROSSENSE DA BACIA DO XINGU

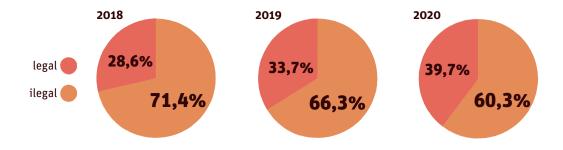


**Figura 6:** Gráfico dos municípios mais desmatados na região mato-grossense da bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2019.

#### 4.1 Desmatamento ilegal no Mato Grosso

Foi também em 2018, consoante com o cenário de derrubada de floresta, que a porção do norte do Estado apresentou sua maior taxa de desmatamento ilegal: 71%, segundo os dados de autorização de desmate disponilizados pela Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Mato Grosso (SEMAS-MT).

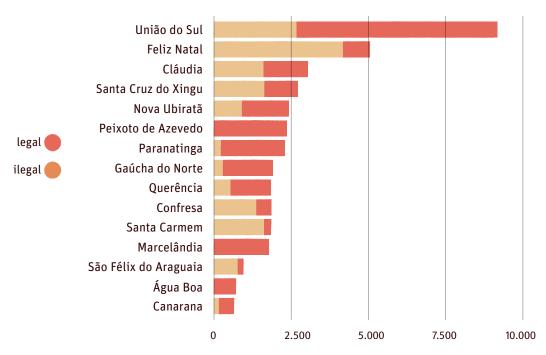
Desde 2015, o Estado firmou, na Cúpula do Clima em Paris, o compromisso de zerar o desmatamento ilegal até 2020. Desde então, o governo do Mato Grosso se empenhou na busca de parcerias e investimentos para implementação e fortalecimento de políticas de comando e controle do desmatamento. Parte dos recursos recebidos foram investidos no monitoramento em tempo real com imagens de alta resolução num contrato de 6 milhões.



**Figura 7:** Variação do percentual dos desmatamento ilegal entre 2018 e 2020 na porção mato grossense da bacia do Xingu.

Em 2019 e 2020, os índices das áreas desmatadas de forma ilícita reduziram 43% em relação a 2018. Contudo, o desmatamento ilegal está longe de zero e ainda representa mais da metade do total desmatado nessa porção do Estado. No último ano, as taxas de ilegalidade em alguns municípios foi ainda maior: União do Sul, município mais desmatado em 2020, emplacou 71% de desmatamento sem autorização. Querência, Canarana, Paranatinga e Marcelândia, tiveram respectivamente, 71%, 77%, 91% e 100% de ilegalidade. A falta de ações de combate efetivas mostram que um sistema de monitoramento mais moderno não é suficiente para combater o desmatamento ilegal. Aliado a isso, as políticas e ações do Governo Federal de anistia dos infratores aumentaram a sensação de impunidade.

#### DESMATAMENTO ILEGAL NA PORÇÃO MATO-GROSSENSE DA BACIA DO XINGU EM 2020



**Figura 8:** Ranking dos municípios que mais desmataram em 2020 na bacia em Mato Grosso e sua contribuição para o desmatamento ilegal.

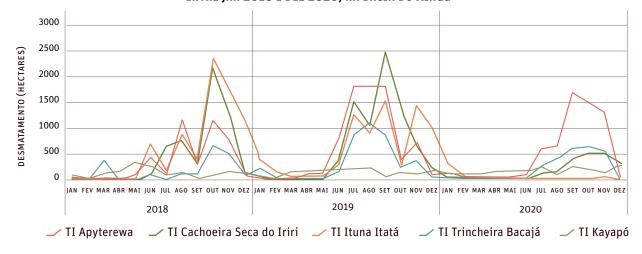


### 5 TERRAS INDÍGENAS

Nos três anos de monitoramento do Sirad X, 66,5 mil ha de desmatamento foram detectados nas Terras Indígenas da bacia do Xingu. A partir de outubro de 2018, o desmatamento começou a se intensificar em alguns territórios, como nas TI Cachoeira Seca e Ituna Itatá. Em 2019, essa tendência se consolidou em outras áreas e houve uma explosão no desmatamento, resultado de invasões, roubo de madeira, mineração e grilagem de terras.

No início de 2020, após operações concentradas do Ibama, o desmatamento arrefeceu principalmente na parte paraense da bacia. No que se refere às ações de combate de desmatamento pelo órgão ambiental, a Terra Indígena Ituna Itatá foi a que apresentou maior redução, 93% a menos que no ano anterior. Na TI Cachoeira Seca também houve queda nas taxas em 2020: 72% a menos que em 2019 e 61% menos que em 2018. No entanto, após a exoneração dos fiscais, o desmatamento voltou a subir na segunda metade do ano. Na TI Cachoeira Seca, entre setembro e dezembro de 2020, 1.744 hectares de floresta foram derrubados no território do povo Arara, um aumento de 276% no desmatamento em relação aos primeiros 8 meses do ano (entre janeiro e agosto). Essa alta nas taxas coincide com a retirada de uma base de fiscalização do Ibama na região, em setembro do último ano, o que confirma que a presença de fiscais precisa ser permanente para garantir alguma efetividade nestas regiões.

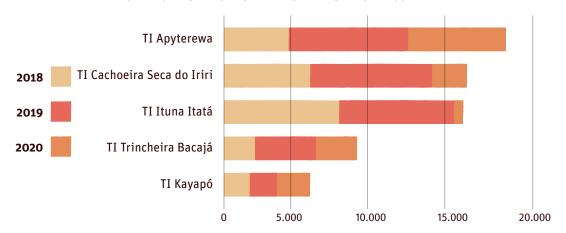
### DESMATAMENTO NAS TERRAS INDÍGENAS MAIS DESMATADAS, ENTRE JAN 2018 E DEZ 2020, NA BACIA DO XINGU



**Figura 9:** Gráfico da dinâmica mensal do desmatamento nas cinco Terras Indígenas mais desmatadas na bacia do Xingu entre jan de 2018 e dez de 2020.

De forma similar, o mesmo ocorreu com as TIs Trincheira Bacajá e Apyterewa. Em ambas Terras Indígenas o desmatamento também voltou a subir após o cancelamento das ações de fiscalização do Ibama, em maio de 2020, que vinham combatendo com sucesso o desmatamento dentro de seus territórios. No decorrer do ano, essas duas TIs continuaram à mercê de invasões, conflitos e ameaças.

#### TERRAS INDÍGENAS MAIS DESMATADAS NA BACIA DO XINGU



**Figura 10:** Gráfico das Terras Indígenas mais desmatadas na bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2019.

Na Terra Indígena Apyterewa, a mais desmatada nos três anos de monitoramento do Sirad X, foi revelado um esquema de grilagem de terras pelo qual novos invasores são instalados no interior da TI em lotes vendidos, leiloados ou mesmo doados de forma irregular por redes criminosas. O ponto de apoio logístico é a Vila Renascer, povoado que surgiu em 2016 no interior da TI, exatamente 11 anos após sua homologação. Além dos conflitos devido a grilagem de terras, a região também enfrentou, nos últimos dois anos, o avanço da mineração ilegal com a confirmação da abertura e funcionamento de garimpos ilegais no interior da TI. Morada do povo Parakanã, essa TI está localizada na área de influência da Hidrelétrica de Belo Monte. A retirada dos ocupantes ilegais e implementação de plano de proteção é parte das condicionantes ambientais da Usina, e deveriam ter sido implementadas em 2011, antes da instalação da hidrelétrica.

A TI Kayapó chama a atenção pelo aumento das taxas de desmatamento em seu território: houve o aumento de 23% do desmatamento entre 2020 e 2019. Em dezembro de 2020, 283 novos focos de garimpo foram detectados, a segunda maior taxa desde maio de 2018, quando 343 focos, o equivalente a 343 hectares, foram registrados.



### 6 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

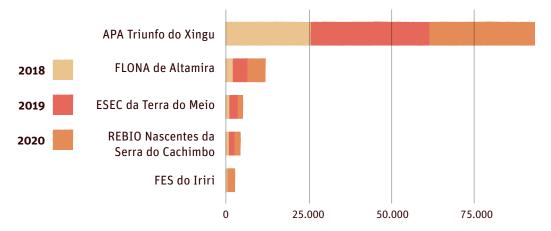
Mais de 120,2 mil ha foram desmatados nas Unidades de Conservação da bacia entre 2018 e 2020. Nos últimos dois anos, houve um aumento expressivo do desmatamento dentro das UCs com relação ao primeiro ano do monitoramento: 50% a mais em 2019 e 41% a mais em 2020. Em alguns territórios, essas taxas foram ainda maiores em 2020, mostrando o fortalecimento de grupos de invasores, grileiros e madeireiros, impulsionado pela ausência de medidas efetivas no combate ao desmatamento e punição dos infratores.

A Floresta Nacional (Flona) de Altamira, por exemplo, teve aumento de 29% no desmatamento em 2020 em relação ao ano anterior, e ao todo foram destruídos 5,4 mil hectares de floresta no seu território. A pressão sobre essa UC acontece em duas frentes: a primeira está relacionada com a atividade mineradora ilegal e se divide no seu limite oeste e noroeste, a segunda advém das ocupações ilegais e grilagem de terras na região sudoeste do território. Em 2020, as ocupações ilegais avançaram e, em um único ano, foram abertos 5,3 mil hectares, representando 98% do total desmatado na UC. Vale destacar que o desmatamento detectado na Flona é inteiramente associado a atividades ilegais, e não está relacionado diretamente com o processo de concessão madeireira iniciado em 2016 e atualmente suspenso.

Em 2011, a Flona sofreu uma redução de 37.975 ha no limite sudoeste do seu território, devido a uma nova interpretação do memorial descritivo da UC pelo ICMBio que resultou numa área efetivamente menor daquela inicialmente prevista. Isso aconteceu apesar da Constituição Federal garantir que qualquer alteração de limites territoriais em Unidades de Conservação Federal só pode ser realizada por meio de lei. Na prática, a redefinição administrativa dos limites da Flona criou a expectativa de novas reduções na região, o que mantém uma pressão ininterrupta do desmatamento e ocupação ilegal na área desde então.

Ainda, a Flona de Altamira, assim como a Floresta Estadual (FES) do Iriri, UC vizinha, encontra-se na região de influência da BR-163 e o aumento do desmatamento também está relacionado com a finalização do asfaltamento da rodovia em fevereiro de 2020. O Projeto Básico Ambiental (PBA) da rodovia, que deveria mitigar e conter os impactos relacionados com o desmatamento ilegal, nunca foi devidamente executado e encontra-se atualmente paralisado sem nenhuma justificativa legal.

#### UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MAIS DESMATADAS NA BACIA DO XINGU



**Figura 11:** Gráfico das Unidades de Conservação mais desmatadas na bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2019.

A FES do Iriri, quinto lugar no ranking entre as UCs no Xingu, teve um aumento de 366% no desmatamento em 2020 em relação a 2019, contabilizando 1.905 ha de floresta derrubada. A maior parte, 67%, ocorreu em maio de 2020, devido à abertura de uma grande área, fazendo que o mês registrasse a maior taxa de desmatamento na UC nos últimos 10 anos. A área desmatada, de mais de 1.262 ha, não possui registro no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e fica contígua à ocupação dita "do Ronzela", onde há uma balsa que facilita o trânsito entre as margens do Rio Curuá.

A criação dessa Unidade de Conservação teve como finalidade o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e ambientais. Essa categoria de UC requer que a posse e o domínio da área sejam públicos, com ressalva aos direitos das populações tradicionais residentes, não admitindo, portanto, detenções privadas. Dessa forma, as ocupações existentes em seu interior no momento de sua criação já deveriam ter sido avaliadas quanto à boa-fé e indenizadas. Entretanto, 14 anos após sua criação, a desocupação na FES do Iriri ainda não ocorreu e a UC tem sido alvo de invasões, exploração ilegal de madeira e atividade garimpeira ilegal.



### 7 ROUBO DE MADEIRANA RESERVA EXTRATIVISTA RIOZINHO DO ANFRÍSIO

Localizada na bacia do rio Xingu, na divisa com bacia do rio Tapajós, a Reserva Extrativista (Resex) Riozinho do Anfrísio faz parte do mosaico de áreas protegidas da Terra do Meio, conjunto de Unidades de Conservação e Terras Indígenas entre os rios Xingu e Iriri.

Essa Unidade de Conservação foi palco de conflitos fundiários até que foi decretada em 2004 após resistência e pressão dos ribeirinhos e seus parceiros. Ainda hoje, no entanto, a Resex Riozinho do Anfrísio enfrenta graves problemas em relação à sua integridade territorial, como a grilagem de terras, invasões, mineração e o roubo de madeira, que colocam em risco as famílias beiradeiras, seus modos de vida, e, consequentemente, a gestão da unidade.

Por volta de 2009, a Resex Riozinho do Anfrísio sofreu uma intensificação da exploração madeireira ilegal, quando as frentes de exploração atuantes na Floresta Nacional (Flona) do Trairão adentraram no território da Resex atrás de espécies de árvores de alto valor, como o ipê. Os esforços das diversas gestões do ICMBio conseguiram fazer recuar temporariamente os invasores, que geralmente retornam pouco tempo após a saída das equipes de fiscalização. Atualmente, a maior ameaça à Resex ainda é a ação ilegal de madeireiros que atuam em diversos grupos. Esses grupos estão por sua vez articulados com máfias que envolvem servidores públicos, engenheiros florestais e topógrafos, que a partir de planos de manejo fraudados fornecem a documentação necessária para 'esquentar' a madeira roubada.

Os lucros derivados da atividade de extração ilegal madeireira têm atraído uma variedade de atores à região da Resex. A exploração de madeira na UC é realizada, principalmente, na sua região oeste (Alto Riozinho) por grupos de madeireiros vindos da região do Projeto de Assentamento (PA) Areia, no município de Trairão (PA). Outros grupos também têm explorado intensivamente madeira na Resex, acessando-a por outras estradas que partem da rodovia BR-163, na proximidade das localidades de Santa Luzia e Três Bueiros, ao sul de Trairão, que atravessam a Flona do Trairão e o Parque Nacional do Jamanxim, até a Resex. Eles são compostos por donos de serrarias, fazendeiros e grileiros que, ora se envolvem em garimpo, ora em madeira, conforme a conjuntura e a tendência local.

A exploração das madeiras de lei tem avançado sobre o território nos últimos anos, provocando graves conflitos sociais, ocupando e degradando áreas de uso tradicional (especialmente castanhais) e intimidando os beiradeiros.

Entre 2018 e 2020, o monitoramento da Rede Xingu+ detectou mais de 366 km de estradas abertas ilegalmente na Resex Riozinho do Anfrísio, e quase metade desses ramais (46%), foram abertos somente em 2020. As estradas abertas são utilizadas para a retirada e escoamento de madeira, e sua extensão aproxima cada vez mais os madeireiros das comunidades beiradeiras, como as do Novo Paraíso e do Morro do Anfrísio. Nessa região do médio Riozinho, entre as comunidades Bom Jardim e Boa sáude, foram identificadas áreas de exploração ilegal de madeira próximas aos ramais abertos.



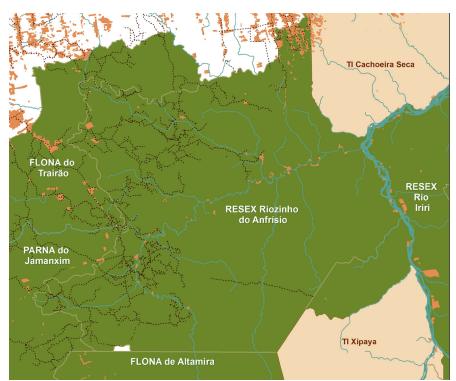


Figura 12: Malha de ramais abertos, até 2020, na Resex Riozinho do Anfrísio.

Os criminosos têm utilizado serrarias móveis próximas ao leito do rio Riozinho do Anfrísio para fazer pranchas de madeira, o que facilita a exploração de várias áreas e dificulta o trabalho da fiscalização, pois são mais difíceis de localizar. À medida que os madeireiros avançam sobre o território construindo ramais, eles represam igarapés (buchas) e causam danos ambientais. As buchas paralisam a água criando pequenas barragens que, ao se romperem, despejam uma quantidade de lixo e sujeira rio abaixo, provocando mortandade de peixes e a piora da qualidade da água.

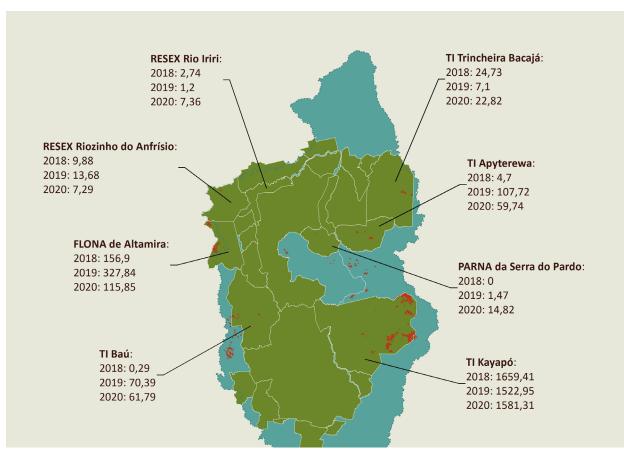
É fundamental a realização de fiscalizações efetivas dos órgãos responsáveis e a instalação de uma base permanente que



permita um maior controle das estradas que dão acesso ao território, além da continuidade dos inquéritos policiais visando à desarticulação das máfias que permitem a legalização da madeira extraída da Resex.

### 8 MINERAÇÃO ILEGAL

A mineração ilegal ameaça as Áreas Protegidas da bacia do Xingu e a sobrevivência dos povos indígenas e ribeirinhos. A partir de 2018, áreas de garimpo se intensificaram ou foram abertas nas Terras Indígenas Kayapó, Apyterewa, Baú e Trincheira Bacajá, e nas Unidades de Conservação Resex Riozinho do Anfrísio, Resex Rio Iriri, Parque Nacional (Parna) da Serra do Pardo e Flona de Altamira.



**Figura 13:** Mapa da distribuição das áreas de mineração ilegal, desmatadas entre jan de 2018 e dez de 2020, dentro do Corredor de Áreas Protegidas do Xingu.

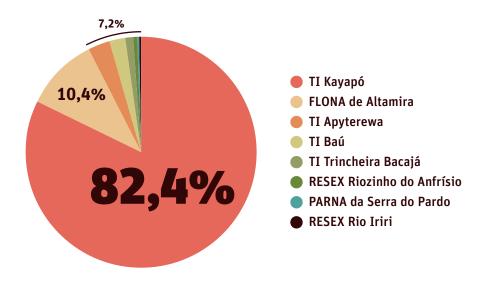
A elevada cotação do ouro no mercado internacional sustenta essa atividade de forte risco e implica em enormes prejuízos sociais e ambientais. Entre 2018 e 2020 foram desmatados cerca de 5.782 hectares de floresta por causa do garimpo dentro do Corredor de Áreas Protegidas, comprometendo a qualidade das águas em 20 sub-bacias do rio Xingu. A mineração ilegal acarreta a contaminação por mercúrio da fauna aquática e coloca em risco a saúde dos povos indígenas e comunidades tradicionais cujos territórios são alvo do garimpo. Destacamos nessa seção a escalada da mineração ilegal, nesses três anos, em duas Terras Indígenas, a Kayapó e a Baú.

#### 8.1 Terra Indígena Kayapó

A atividade garimpeira ilegal na Terra Indígena Kayapó teve início no começo da década de 1980, no leito do rio Arraias, um tributário do rio Fresco. Os garimpos seguiram ativos até meados da década de 1990, quando a atividade retraiu. Nesta mesma época surgiu outro foco de atividade garimpeira a montante da aldeia Gorotire, no rio Fresco, um dos principais tributários do Xingu próximo à cidade de São Félix do Xingu.

Em 2014, uma nova frente garimpeira começou a operar na região do rio Branco, no limite nordeste da TI Kayapó. A atividade iniciou de forma incipiente e acelerou a partir de 2015, promovendo danos extensos e irreparáveis à calha do rio Branco e às populações das aldeias próximas aos garimpos. A partir de 2018, a atividade garimpeira diminuiu, mas migrou novamente para os rios Arraias e Fresco, atualmente em rápida expansão.

Em 2019, foram detectados 1.327 quilômetros de estradas ilegais (sendo 918 km associados ao garimpo) e seis pistas de pouso. No início de 2020, novas áreas de garimpo surgiram em afluentes do rio Fresco, além da abertura de mais uma pista de pouso. Nesse ano houve o aumento de 23% do desmatamento em relação a 2019. A Terra Indígena Kayapó é a mais impactada pelo garimpo na bacia do Xingu concentrando 82% da mineração ilegal dentro do Corredor de Áreas Protegidas. Em apenas 3 anos anos, entre janeiro de 2018 e dezembro de 2020, 4.763 hectares foram destruídos no território Kayapó. Este número é 31% maior do que o total desmatado na TI no período entre a década de 1980 e 2017.



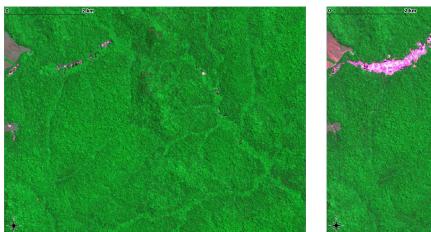
**Figura 14:** Gráfico da distribuição percentual das áreas de mineração ilegal, desmatadas entre jan de 2018 e dez de 2020, dentro do Corredor de Áreas Protegidas do Xingu.

A atividade garimpeira se aproxima cada vez mais das aldeias, colocando a saúde dos indígenas em risco e provocando conflitos que vão da repartição inadequada dos benefícios gerados à promoção da prostituição e acirramento da violência causada pela facilidade de acesso a bebidas alcoólicas e outras drogas. Em dezembro de 2020, 283 focos de garimpo foram detectados, a segunda maior taxa detectada na TI pelo monitoramento do Sirad X. O aumento do desmatamento na Terra Indígena Kayapó pode ser explicado em parte pela proximidade das aldeias das cidades Tucumã, Ourilândia do Norte e Cumaru do Norte; a facilidade do acesso à TI por meio de uma malha de ramais; as mudanças constantes de Procuradores da República, bem como de delegados da Polícia Federal que atuam na região, o que inviabiliza investigações mais duradouras.

### 8.2 Terra Indígena Baú

Os garimpos localizados no interior da Terra Indígena Baú são antigos, com algumas das áreas tendo sido abertas na década de 1980, em momento anterior à demarcação da Terra Indígena, homologada oficialmente em 2008. Essas áreas estiveram abandonadas durante muitos anos mas em 2018 passaram a ocorrer tentativas de retomada por parte de garimpeiros. Desde o início das medições do desmatamento em 1988 até 2017, foram detectados pouco mais de 24 hectares abertos na região, ao passo que em apenas três anos de monitoramento do Sirad X (de 2018 a 2020), as áreas de garimpo já superaram 132 hectares.

Em 2019 houve uma intensificação nos garimpos já existentes na TI quando o desmatamento foi 70 vezes maior que o total desmatado em 2018. Isso se deu, principalmente, devido ao avanço do garimpo Coringa, entre o projeto de mineração Coringa e a aldeia Kamure. Um sobrevoo realizado no início de abril de 2020 confirmou a presença de garimpeiros nas regiões oeste e central do território Kayapó e entorno. O sobrevoo monitorou cinco áreas de mineração ilegal na TI: os garimpos Nova Esperança, Novo Horizonte, Pista Velha, Pista Nova e Coringa. Nesse mesmo ano, novos focos de mineração surgiram em três áreas, todas às margens do rio Curuá, principal curso d'água que cruza a Terra Indígena.





**Figura 15:** Expansão do garimpo Coringa entre agosto de 2018 (primeira imagem) e agosto de 2020 (segunda imagem). Imagens de satélite Sentinel 2.

O aumento significativo do preço do ouro nos mercados internacionais, somado às limitações das operações de vigilância e repressão dos ilícitos e o contexto da pandemia de Covid-19 fez com que a situação fugisse de controle. As comunidades vêm mencionando o aumento do movimento constante de aeronaves em direção ao interior da TI Baú. A escalada nas invasões pode ter graves consequências para os Kayapó, tanto com relação às ameaças à integridade de seus territórios, como pela poluição dos rios e destruição de seus recursos naturais. Análise feita pelo Ministério Público Federal em 2019 mostrou que os rios Curuá e Baú já estão contaminados por mercúrio por meio das amostras de tecidos de três espécies de peixes (piranha, pescada e mandubé) e de tracajás, coletadas nesses rios. As amostras apresentaram taxas de mercúrio acima do limite seguro para ingestão diária, estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS).



### 9 CAR E O LOTEAMENTO VIRTUAL DA FES DO IRIRI

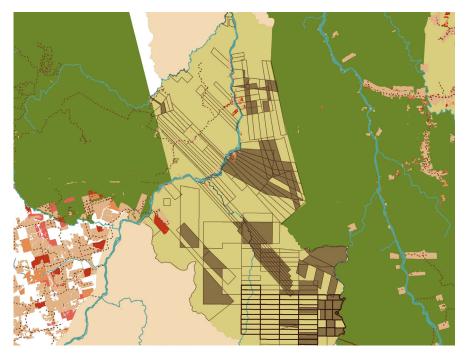
A Floresta Estadual (FES) do Iriri vem sendo invadida sistematicamente por grupos de grileiros vindos da cidade de Novo Progresso, do norte mato-grossense e da região de São Félix do Xingu. Em 2012, seis anos após a criação da unidade, foram encontrados 39 registros de CAR no seu interior, ocupando 57.254 ha. Hoje, a FES do Iriri possui 201 imóveis cadastrados, somando 396.882 hectares de superfície, o que equivale a 90% do seu território. Está ocorrendo o loteamento virtual da UC por meio do CAR e os registros permitem e alimentam o comércio ilegal de suas terras.

Ainda, no sudeste da FES, encontra-se o registro de um conjunto homogêneo de 53 imóveis, cobrindo um total de 49.247 hectares, que foram cadastrados em 2014 no sistema de Cadastro Ambiental Rural do Estado do Pará (CAR/PA). A maioria dos imóveis cadastrados tem uma área próxima a 1.000 ha e um formato similar, o que indica uma iniciativa conjunta e organizada para ocupação irregular de terras públicas. À época do cadastro desses registros ainda não existia nenhum sinal de ocupação ou influência antrópica na área, contudo, a partir de outubro de 2018 foi detectada uma estrada saindo da Estação Ecológica (Esec) Terra do Meio indo em direção ao sudeste da FES do Iriri, onde uma pista de pouso foi aberta no mês seguinte, em novembro. Em agosto de 2020, a estrada foi reativada e finalizada, completando o acesso do rio Iriri, na Esec, até o rio Cateté, na divisa entre as duas UCs.

Seus recursos florestais e suas terras são cobiçados por duas frentes de desmatamento, uma que vem de Novo Progresso, da área de influência da BR-163 e outra que vem de São Félix do Xingu, que parte da APA Triunfo do Xingu e já invade a Estação Ecológica da Terra do Meio.

A FES do Iriri possui alta relevância para assegurar a integridade do mosaico de Áreas Protegidas da Terra do Meio, formado por Unidades de Conservação e Terras Indígenas na bacia do Xingu. Esse mosaico constitui uma barreira efetiva contra o avanço do desmatamento no leste amazônico, protegendo um maciço contínuo de 8,5 milhões de hectares de florestas no interflúvio dos rios Xingu e Tapajós, além de ser território usado e ocupado tradicionalmente por diversos povos indígenas e populações tradicionais.





**Figura 16:** Desmatamento e registros do CAR (Cadastro Ambiental Rural), incidentes na FES do Iriri.

O progressivo enfraquecimento da gestão de Áreas Protegidas por parte do governo estadual tem como consequência direta o aumento da atividade de grileiros, sem que tenham sido constatados esforços significativos na fiscalização ou na desintrusão dos ocupantes irregulares. Os cadastros realizados requerem a declaração e comprovação de propriedade e/ou posse das referidas áreas. Sendo uma Unidade de Conservação de posse e domínio públicos, essas pretensões devem ser devidamente investigadas pelo órgão ambiental, a fim de realizar a regularização fundiária da área com a consequente saída dos ocupantes irregulares. Além disso, não sendo constatado domínio e/ou posse dos declarantes dos referidos CAR, os mesmos devem ser responsabilizados administrativa e penalmente pela falsidade das suas declarações.



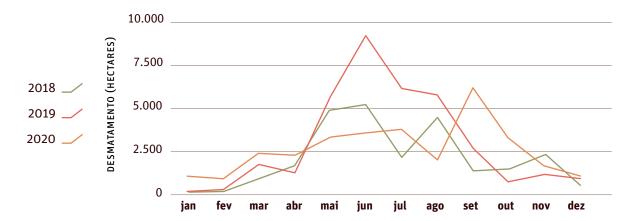
# $10\ \mathrm{APA}\ \mathrm{TRIUNFO}\ \mathrm{DO}\ \mathrm{XINGU},$ CAMPEÃ DE DESTRUIÇÃO

E entre 2018 e 2020, a Área de Proteção Ambiental (APA) Triunfo do Xingu perdeu 93.276 hectares de vegetação. Isso significa que, aproximadamente, mais de 2 mil árvores foram derrubadas por hora dentro dessa UC, concentrando, nesse período, 18% do desmatamento na bacia do Xingu. Esses números convertem a APA na Unidade de Conservação mais desmatada na bacia, e há mais de uma década é também a mais desmatada de todo o Brasil. A magnitude dos desmatamentos registrados (alguns de mais de 1.400 ha, ou o equivalente a 805 mil árvores derrubadas em uma única empreitada) mostra o poder e a capacidade dos grupos envolvidos no desmatamento presente na UC.

A APA é uma Unidade de Conservação de uso sustentável, isso significa que a conservação da natureza em seu território deve ser compatibilizada com o uso sustentável dos seus recursos naturais. No entanto, sem plano de manejo, nem fiscalização, a UC vem sendo desmatada intensamente nos últimos anos.

A APA já teve quase 40% da sua área florestal convertida para outros usos, sendo a pecuária a atividade principal impulsionadora do desmatamento na UC. São Félix do Xingu, um dos municípios que cobre a APA, possui o segundo maior rebanho bovino do Brasil e a área protegida constitui uma enorme reserva de recursos diante da intensificação da derrubada de floresta.

#### DESMATAMENTO NA APA TRIUNFO DO XINGU



**Figura 17:** Gráfico da dinâmica do desmatamento, entre 2018 e 2020, na APA Triunfo do Xingu.

A APA mantém um intenso ritmo de desmatamento ligado a processos de especulação fundiária. Em junho de 2019, a Área Protegida registrou em um único mês mais de 9 mil ha desmatados, a maior taxa nos três anos de monitoramento. Esse aumento ocorreu no período de expectativa de sancionamento da nova lei agrária do Pará (Lei 8.878/2019), homologada em 8/07, depois de apenas 33 dias de tramitação. Segundo o MPF, essa nova lei facilita a grilagem de terras públicas e, consequentemente, o aumento da violência no campo.

As altas taxas de desmatamento detectadas na APA podem ser atribuídas, principalmente, à falta de governança no território. Com efeito, 14 anos após a sua criação, a APA ainda não possui um plano de gestão pública nem um zoneamento, ferramentas básicas fundamentais para o controle territorial por parte do estado, e não registra uma presença permanente no seu interior de agentes de fiscalização. A falta de governança na unidade afeta também os territórios vizinhos, como a Esec Terra do Meio e o Parna Serra do Pardo, ambas UCs de Proteção Integral, onde a maior parte do desmatamento se concentra nas proximidades da APA.



As invasões na TI Trincheira Bacajá foram seriamente intensificadas em 2019, quando em agosto a Terra Indígena teve sua maior taxa de desmatamento: **1.115 ha em um único mês**. Desde sua homologação, em 1996, nunca havia ocorrido um índice de desmatamento com tal magnitude. Nesse mesmo mês de agosto de 2019, lideranças Xikrin foram ameaçadas de morte por um grupo de invasores na região sudeste da TI que ameaçaram "caçar os índios". Nessa mesma época, foi identificada a reativação de um ramal saindo das TIs Apyterewa e Araweté Igarapé Ipixuna, que cresceu 40 km para dentro do território dos Xikrin no seu limite sudoeste. Até dezembro de 2020, 706 ha foram desmatados ao longo dessa estrada dentro da Trincheira Bacajá, o que mostra a tentativa de consolidação de uma nova frente de invasão.

São ao menos três frentes de invasão ativas e muito provavelmente coordenadas, cada vez mais próximas das aldeias. Na região norte e nordeste foram desmatados 3.794 hectares nesses três anos, na região sudoeste, 854 ha, e na



região sudeste, a mais intensamente desmatada e palco de conflito entre os invasores e indígenas, foram 3.861 ha de floresta destruída.

#### DESMATAMENTO NA TERRA INDÍGENA TRINCHEIRA BACAJÁ

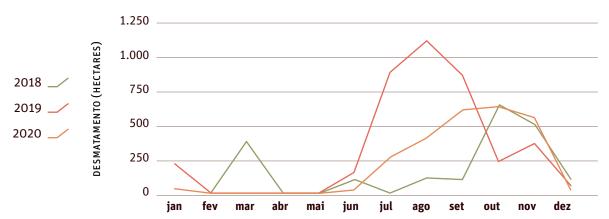


Figura 18: Gráfico da dinâmica do desmatamento, entre 2018 e 2020, na TI Trincheira Bacajá.

Em junho de 2020 foi realizado o pedido da retirada dos invasores da Trincheira Bacajá como uma das medidas emergenciais solicitadas na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) apresentada pela Apib ao Supremo Tribunal Federal (STF). Esse tipo de ação busca evitar ou reparar dano a algum princípio básico da Constituição fruto de ato ou omissão do Estado. Ainda assim, as atividades ilegais na área continuam. De julho a dezembro de 2020 foram mais 2.530 ha foram desmatados na TI.

Em novembro de 2020, uma carta assinada por lideranças indígenas da TI Trincheira Bacajá, Apyterewa e Cachoeira Seca, denunciou as crescentes invasões e pediu que medidas de contenção fossem tomadas, como a retirada dos invasores, instalação de barreiras nas entradas das invasões, apreensão do gado, destruição das construções e apreensão dos equipamentos utilizados nas atividades ilegais.

A expectativa de regularização das terras griladas é um fator importante na atração de invasores, e se sustenta nos discursos de autoridades públicas que têm se mostrado favoráveis à redução de territórios indígenas, assim como à ineficácia das ações de combate ao desmatamento em curso. A presença de invasores e garimpeiros, além de violar a integridade territorial das TIs e representar perdas ambientais e culturais para seus povos, também põe em risco a saúde da população indígena no contexto da pandemia de Covid-19. O primeiro surto de contaminação entre os Xikrin ocorreu justamente nas

aldeias próximas às áreas invadidas, após uma ação local de fiscalização com o objetivo de retirada dos invasores. Essa ação foi realizada pelos índios sem a participação de qualquer órgão de fiscalização, gerando exposição ao vírus, contaminação e disseminação da doença nas aldeias.

Em agosto de 2020, a Associação Bebô Xikrin do Bacajá (ABEX) encaminhou denúncia à Funai e ao MPF sobre as invasões na TI, ressaltando o risco de contágio da Covid-19 e de aumento de conflitos, à medida que os invasores se aproximavam das aldeias. Em sua denúncia o povo Mebengokré-Xikrin alertou:

Com o início da pandemia do novo coronavírus, em março deste ano, ocorreu a diminuição das ações de fiscalização e monitoramento territorial na região amazônica. Para nós, o efeito dessa diminuição foi a intensificação da invasão na porção sul de nossa terra. De março a junho, uma estrada ilegal foi aberta próxima à aldeia Kenkro e os invasores, mais uma vez, aproximamse das aldeias. Essa é a estratégia deles para se apropriarem de nossa terra, tomarem nossa terra para eles. O prejuízo para nós é muito grande. Estamos perdendo animais da floresta, plantas e árvores, remédios do mato que conhecemos, cipós medicinais, embiras para aplicação das pinturas corporais por nossas mulheres, nascentes de água, e assim por diante. Isso é muito grave. Os invasores estão roubando a floresta. Da mesma maneira que no ano anterior, as pessoas da aldeia Kenkro estão ouvindo, desde a metade deste mês, o barulho das motosserras dos agentes da invasão. É possível ver a fumaça das queimadas e do desmatamento desde muitas aldeias de nosso território.

A TI Trincheira Bacajá também está entre as sete Terras Indígenas da ADPF 709 que devem passar por desintrusão como medida de contenção da disseminação da Covid-19 entre os povos indígenas. Já houve decisão cautelar em 08/07/2020, confirmada pelo Pleno do STF em 05/08/2020, determinando medida emergencial de contenção e isolamento dos invasores em relação às comunidades indígenas ou providência alternativa apta a evitar o contato, bem como a elaboração de um plano de desintrusão dos invasores.

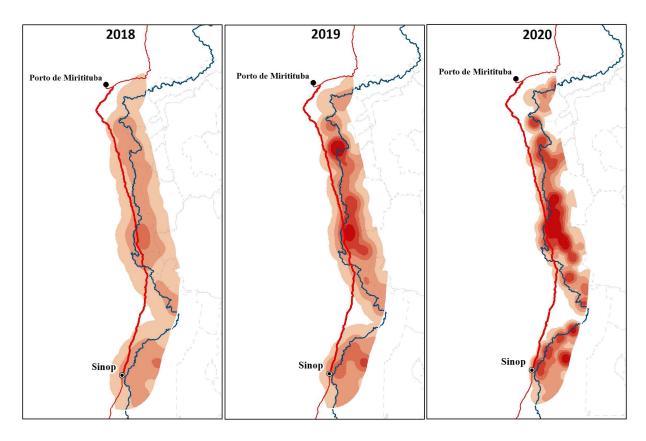
Recentemente, homens e mulheres das aldeias que estão próximas às áreas de invasão afirmam estarem sofrendo ameaças dos invasores que agem para impedir que os indígenas acessem suas áreas tradicionais, como os castanhais.



### 12 IMPACTOS DA BR-163

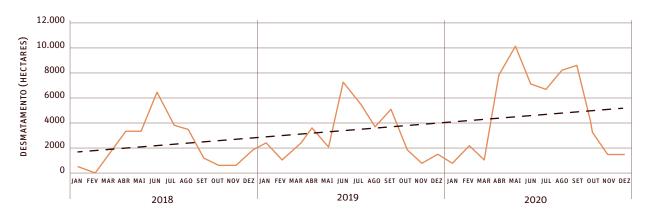
O asfaltamento da BR-163, conhecida como Cuiabá-Santarém, previa a criação de Áreas Protegidas na região para contenção do desmatamento indireto associado ao asfaltamento da rodovia, uma vez que a rodovia foi construída na zona do limite entre as bacias do Xingu e do Tapajós, rompendo com a conectividade entre esses ecossistemas e impactando diretamente populações tradicionais desses territórios. Contudo, as Unidades de Conservação não foram integralmente implementadas, nem as demais medidas de mitigação e compensação de impactos saíram efetivamente do papel. Atualmente a região da BR-163 é um dos principais epicentros de desmatamento da Amazônia legal, dentro e fora de UCs, e continua sendo palco de conflitos pela posse da terra e pela exploração descontrolada dos seus recursos naturais entre grileiros, garimpeiros, indígenas e comunidades tradicionais.

Segundo o monitoramento do Sirad X, o desmatamento na área de influência de 100 km da BR- 163 que incide na bacia do Xingu aumentou 121% entre 2018 e 2020. Em novembro de 2019, o Governo Federal iniciou a conclusão da pavimentação dos 51 km entre Sinop (MT) e Miritituba (PA), último trecho a ser asfaltado. Ao longo desse trecho, mais de 36 mil hectares foram desmatados no decorrer de 2019, 40% a mais que no ano anterior.



**Figura 19:** Densidade do desmatamento na faixa de 100 km da margem direita da BR-163, incidente na bacia do Xingu ao longo dos 3 anos de monitoramento.

#### RELAÇAO ENTRE AREA DESMATADA (SIRAD X) E NUMERO DE FOCOS DE CALOR (NPP-375) ENTRE JAN 2018 E DEZ 2020



**Figura 20:** Desmatamento na região de influência de 100 km da margem direita da BR-163, incidente na bacia do Xingu.

Sem a devida regularização fundiária, o cenário é agravado pela grilagem de terras. Em 2020, ano após a finalização da pavimentação, o desmatamento foi 58% maior que em 2019 na faixa de 100 km ao longo do trajeto entre Sinop e Miritituba que incide na bacia do Xingu. Entre fevereiro e abril de 2020, grandes áreas foram abertas nas proximidades da Terra Indígena Baú, chegando a mais de 3,4 mil hectares de derrubada numa única empreitada. Ao todo, mais 121,7 mil hectares de floresta foram desmatados entre 2018 e 2020 na zona de influência da BR-163. A ausência da atuação do estado na região colabora com o acirramento dos conflitos e põe em xeque a viabilidade da concessão privada do empreendimento sem antes resolver o passivo ambiental deste.

### 13 FOGO E DESMATAMENTO

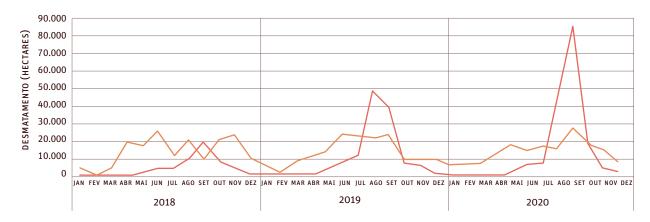
#### 13.1 Aumento de focos de calor em áreas de floresta

O fogo é muito utilizado como prática agropecuária de limpeza e preparo do solo antes do plantio ou para renovação do pasto. Ainda, o fogo constitui-se, em muitos casos, como etapa final do processo de desmatamento, quando usado para limpar os restos de vegetação que ficaram nas áreas recentemente desmatadas. Usada como ferramenta acessível e de baixo custo, a prática das queimadas, feita de forma indiscriminada, sem acompanhamento e o manejo adequado, traz uma série de prejuízos à biodiversidade, à dinâmica dos ecossistemas, à qualidade do ar, e ainda liberam gases de efeito estufa que contribuem para o aquecimento global.



85% dos focos de calor que ocorreram na bacia do Xingu entre janeiro de 2018 e dezembro de 2020, concentraram-se no período de julho a outubro, com seu pico em setembro. A temporada do fogo coincide com os meses mais secos, o que contribui mais ainda para seu espalhamento. Nesses três anos, o número de focos de calor aumentou 199%

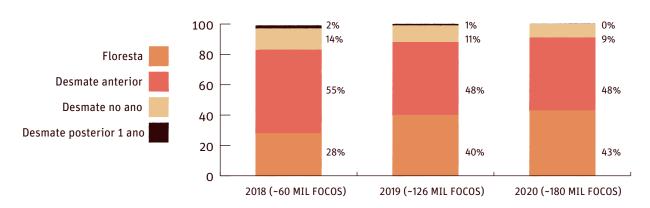
#### DESMATAMENTO NA APA TRIUNFO DO XINGU



**Figura 21:** Gráfico da evolução mensal do desmatamento (SIRAD X) em hectares e número de focos de calor NPP-375.

Ao analisarmos a relação do fogo com os polígonos de desmatamento do Sirad X, observamos que nesses três anos, o maior aumento do número de focos de calor ocorreu em áreas de floresta primária, variando de 28% em 2018 para 43% do total de focos de calor registrados em 2020. Estes focos de calor incidindo sobre floresta primária são considerados incêndios florestais, que tem seu início em queimadas não controladas em áreas adjacentes sujeitas ao processo de desmatamento.

### BACIA DO XINGU — PROPORÇÃO DE FOCOS DE CALOR EM FLORESTAS E ÁREAS DESMATADAS POR ANO



**Figura 22:** Gráfico da ocorrência proporcional de focos de calor na bacia do Xingu em relação às áreas de floresta, áreas desmatadas anteriormente ao ano do foco, áreas desmatadas no mesmo ano de ocorrência do foco, e áreas desmatadas um ano depois.

É possível notar também que o número de focos de calor incidentes em áreas que foram desmatadas no mesmo ano da ocorrência do fogo aumentou em 93% entre 2018 e 2020, contudo sua proporção diminuiu ao longo dos três anos analisados em detrimento do aumento de focos de calor em áreas de floresta. Em 2018, cerca de 14% dos focos de calor ocorreram em áreas que foram desmatadas em 2018. Após uma redução em 2019 para 11%, somente 9% dos focos de calor em 2020 tiveram uma relação direta com a dinâmica de desmatamento do ano. Em um olhar sob toda bacia isso mostra uma tendência de descontrole do uso do fogo em áreas recém-desmatadas e em áreas agropecuárias já estabelecidas sobre a vegetação natural como as florestas.

Os incêndios florestais eram menos frequentes devido à resistência da floresta diante do fogo. No entanto, a fragmentação da vegetação por conta do desmatamento, eventos de secas severas, e a reincidência do fogo em áreas já queimadas, têm resultado no aumento do efeito de borda que torna as florestas mais vulneráveis e com menos capacidade de regeneração.

## 13.2 Aumento de focos de calor em áreas de floresta é mais acentuado fora do Corredor

Ao olharmos para a bacia ao longo destes três anos verifica-se uma maior incidência de focos de calor em áreas de floresta fora do Corredor de Áreas Protegidas do Xingu. Na tabela abaixo é possível observar que em 2020, áreas de floresta fora do Corredor foram o local de ocorrência de 75% de todos os focos de calor registrados naquele ano.

FORA DO CORREDOR	2018	2019	2020	%	2018	2019	2020
Floresta	3.010	13.074	25.277		50%	69%	75%
Desmate anterior	1.625	3.737	6.718		27%	20%	20%
Desmate no ano	1.238	1.911	1.541		21%	10%	5%
Desmate posterior 1 ano	157	144	-		3%	1%	0%
Total Geral	6.030	18.866	33.536				

**Tabela 1:** Número e porcentagem de focos de calor em relação à sua ocorrência em floresta ou áreas desmatadas ao longo dos 3 anos de monitoramento, considerando as áreas fora do Corredor Xingu

## 13.3 Dentro do Corredor a maioria dos focos de calor ocorre em áreas desmatadas

Observamos que dentro do Corredor, a proporção maior de focos ocorre em áreas já desmatadas (55% em 2020), enquanto que a ocorrência em áreas de floresta foi de 35% no ano de 2020. Contudo, a incidência de focos de calor em áreas de floresta apresentou o maior aumento nos três anos, 274% a mais em 2020 ao se comparar com 2018, mostrando a mesma tendência encontrada em toda a bacia do aumento dos incêndios florestais ocasionados pelo descontrole do fogo.

Com o avanço do desmatamento, o ressecamento das florestas e o aumento da temperatura, os incêndios descontrolados se tornaram cada vez mais frequentes. Dessa forma, é formado um processo contínuo de incêndios e queimadas que se intensificam gradativamente pela sua reincidência em florestas cada vez mais degradadas.

DENTRO DO CORREDOR	2018	2019	2020	%	2018	2019	2020
Floresta	13.808	37.659	51.616		26%	35%	35%
Desmate anterior	31.698	56.598	80.130		59%	52%	55%
Desmate no ano	7.415	12.320	14.829		14%	11%	10%
Desmate posterior 1 ano	651	1.403			1%	1%	0%
Total Geral	53.572	107.980	146.575				

**Tabela 2:** Número e porcentagem de focos de calor em relação à sua ocorrência em floresta ou áreas desmatadas ao longo dos 3 anos de monitoramento, considerando as áreas dentro do Corredor Xingu

# 13.4 Fogo e queimadas no mesmo ano

Uma forma interessante de visualizar a relação entre o desmatamento e o fogo é distribuir os focos de calor em uma matriz categorizada por cores, onde é mostrado em cada célula o número de focos de calor ocorridos de acordo com o seu mês de ocorrência em relação ao mês de ocorrência do desmatamento. A cor das células está relacionada à quantidade de focos de calor, em verde para valores baixos, amarelo para valores intermediários e vermelho para valores altos.

Na matriz abaixo são representados os valores de focos de calor que ocorreram em áreas desmatadas, distribuídos de acordo com o mês de sua ocorrência em relação ao mês de ocorrência do desmatamento. A matriz está dividida em 9 blocos, abrangendo a distribuição dos focos de calor em relação ao desmatamento entre 2018 e 2020.

As células em destaque na diagonal representam valores de focos de calor que ocorreram no mesmo mês de ocorrência do desmatamento, ou seja, focos de calor que têm relação direta com o

desmatamento. Para todos os anos a maior parte da ocorrência de focos de calor acontece após a ocorrência do desmatamento (região acima da diagonal, na parte superior/direita dos blocos na matriz).

March   Marc	3       15       3       1       3       3       3       3       1       3       3       3       1       3       3       3       1       1       3       3       1       1       3       3       1       1       3       3       1       1       3       3       1       1       3       3       1       1       3       3       3       1       1       3       3       1       1       3       3       3       3       3       4       4       3       7       1       1       3       8       7       7       1       1       3       3       3       3       3       3       4       4       4       3       3       3       1       3       3
NAME	48       18       15       8       2       4       27       86       83       2       4         3       15       3       3       1       2       5       55       118       5       1       3         34       14       3       3       1       2       5       55       118       5       1       3         32       51       23       33       25       6       6       6       28       62       139       154       43       72       103         59       49       35       25       7       1       78       708       87       709       158       33       39       44         56       212       29       53       10       15       31       245       1029       670       61       39       55         43       125       6       14       2       2       3       50       530       175       60       22       58         19       204       29       42       10       11       3       89       66       720       367       247       54       3         31 </th
00000000000000000000000000000000000000	3       15       3       1       3       3       3       3       1       3       3       3       1       3       3       3       1       3       7       1       1       3       8       6       6       2       10       1       1       3       3       3       3       3       9       4       4       4       3       7       1       1       3       3       1       1       3       3       3       3       3       9       4       4       4       3       1       3       1       3       3
NAME	32     51     23     33     25     6     6     6     28     62     139     154     43     72     105       59     49     35     25     7     1     78     708     87     709     158     33     39     44       56     212     29     53     10     15     31     245     1029     670     61     39     55       43     125     6     14     2     2     3     50     530     175     60     22     58       19     204     29     42     10     11     3     89     66     720     367     247     54     3       31     56     29     21     1     3     1     35     224     193     84     7     3       75     86     53     80     8     59     31     33     234     309     372     36     13       83     73     70     93     59     1     2     23     23     37     308     401     358     34     19
No.   Color   Color	32     51     23     33     25     6     6     6     28     62     139     154     43     72     105       59     49     35     25     7     1     78     708     87     709     158     33     39     44       56     212     29     53     10     15     31     245     1029     670     61     39     55       43     125     6     14     2     2     3     50     530     175     60     22     58       19     204     29     42     10     11     3     89     66     720     367     247     54     3       31     56     29     21     1     3     1     35     224     193     84     7     3       75     86     53     80     8     59     31     33     234     309     372     36     13       83     73     70     93     59     1     2     23     23     37     308     401     358     34     19
NAME	59       49       35       25       7       1       78       708       87       709       158       33       39       44         56       212       29       53       10       15       31       245       1029       670       61       39       55         43       125       6       14       2       2       3       50       530       175       60       22       58         19       204       29       42       10       11       3       89       66       720       367       247       54       3         31       56       29       21       1       3       1       35       224       193       84       7       3         75       86       53       80       8       59       31       33       234       309       372       36       13         83       73       70       93       59       1       2       23       23       37       308       401       358       34       19
Note	56       212       29       53       10       15       31       245       1029       670       61       39       55         43       125       6       14       2       2       3       50       530       175       60       22       58         19       204       29       42       10       11       3       89       66       720       367       247       54       3         31       56       29       21       1       3       1       35       224       193       84       7       3         75       86       53       80       8       59       31       33       234       309       372       36       13         83       73       70       93       59       1       2       23       23       37       308       401       358       34       19
Name	19     204     29     42     10     11     3     89     66     720     367     247     54     3       31     56     29     21     1     3     1     35     224     193     84     7     3       75     86     53     80     8     59     31     33     234     309     372     36     13       83     73     70     93     59     1     2     23     23     37     308     401     358     34     19
	31     56     29     21     1     3     1     35     224     193     84     7     3       75     86     53     80     8     59     31     33     234     309     372     36     13       83     73     70     93     59     1     2     23     23     37     308     401     358     34     19
	75 86 53 80 8 59 31 33 234 309 372 36 13 83 73 70 93 59 1 2 23 23 37 308 401 358 34 19
	83 73 70 93 59 1 2 23 23 37 308 401 358 34 19
	AA
CONTROL   CONT	44 31 94 79 33 11 6 39 32 61 26 66 133 143 42 30
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>46 79 41 34 53</b> 1 2 2 16 72 31 43 30 97 48 14 13
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>85 46 19 14 16</b> 2 4 14 29 37 9 33 32 31 9 5
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>96 61 66 50 3</b> 11 9 1 16 58 131 100 275 126 12 207 66
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>55 82 100 73 56</b> 40 17 5 92 494 26 167 140 29 111 56
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>24 125 73 74 41</b> 15 7 3 45 166 33 771 272 39 10 8
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>59 121 81 41 5</b> 6 2 49 240 229 1259 604 55 18
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>87 327 129 109 23</b> 10 10 15 82 1178 677 117 11 12
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>18 345 149 134 13</b> 111 293 138 727 443 114 27 12
d2019_10     1     1     1     9     14     15     26     2       d2019_11     1     8     9     18     21     6     1     5     4     16       d2019_12     1     1     3     12     10     7     6     2     3     11       d2020_01     1     1     5     6     5     4     4	<b>43 455 234 257 43</b> 1 3 19 19 370 536 181 15 8
d2019_12         1         1         3         12         10         7         6         2         3         11           d2020_01         1         1         5         6         5         4         4         4	<b>29 109 86 150 39</b> 2 1 2 3 10 67 130 95 19 7
d2020_01	
	<b>11 157 20 90 86</b> 6 13 18 48 182 348 109 63 11
	4 219 19 11 12 5 1 5 2 32 262 329 150 18 6 7
d2020_02	25 82 1 8 9 <b>3 1 14 70 194 264 333 148 40 56 </b>
d2020_03	5 16 1 1 2 <b>1 1 4 15 92 133 432 126 62 315 10</b>
d2020_04 1 1 1 7 19 1 1 1 9 35	35 10 2 1 1 3 5 138 93 1258 167 61 70 20
d2020_05 2 20 1 1 1 4 9 47	47 35 4 4 4 40 141 1548 136 46 137 5:
8 d2020_06 3 1 9 23 2 1 2 36 2 36 d2020_07 2 1 5 66 d2020_07	36 7 3 2 1 1 3 204 950 132 39 85 26
≈     d2020_07     2     14     58     10     9     2     1     5     66	
d2020_08	66 40 16 8 7 <b>1 1 1 93 1047 295 148 126 48</b>
d2020_09	66 40 16 8 7 1 1 1 1 93 1047 295 148 126 48 95 38 13 5 2 1 3 114 1318 268 86 39 28
d2020_10 2 5 22 29 34 5 3 75	66     40     16     8     7     1     1     1     93     1047     295     148     126     48       95     38     13     5     2     1     3     114     1318     268     86     39     28       50     86     22     27     8     1     4     58     1113     1054     296     30     4
d2020_11	66     40     16     8     7     1     1     1     93     1047     295     148     126     48       95     38     13     5     2     1     3     114     1318     268     86     39     28       50     86     22     27     8     1     4     58     1113     1054     296     30     4
d2020_12   1     1   2   9   2   6       3   8	66     40     16     8     7     1     1     1     93     1047     295     148     126     48       95     38     13     5     2     1     3     114     1318     268     86     39     28       50     86     22     27     8     1     4     58     1113     1054     296     30     4       75     41     27     35     5     3     10     86     481     415     67     3:

**Tabela 3:** Distribuição dos focos de calor em áreas desmatadas distribuído por mês de ocorrência: Focos x Áreas desmatadas. A distribuição ocorre em 9 blocos, do canto superior esquerdo para o canto inferior direito temos: a) Focos 2018 / Sirad X 2018; b)

Focos 2019 / Sirad X 2018; c) Focos 2020 / Sirad X 2018; d) Focos 2018 / Sirad X 2019; e) Focos 2019 / Sirad X 2019; f) Focos 2020 / Sirad X 2019; g) Focos 2018 / Sirad X 2020; h) Focos 2019 / Sirad X 2020; i) Focos 2020 / Sirad X 2020.

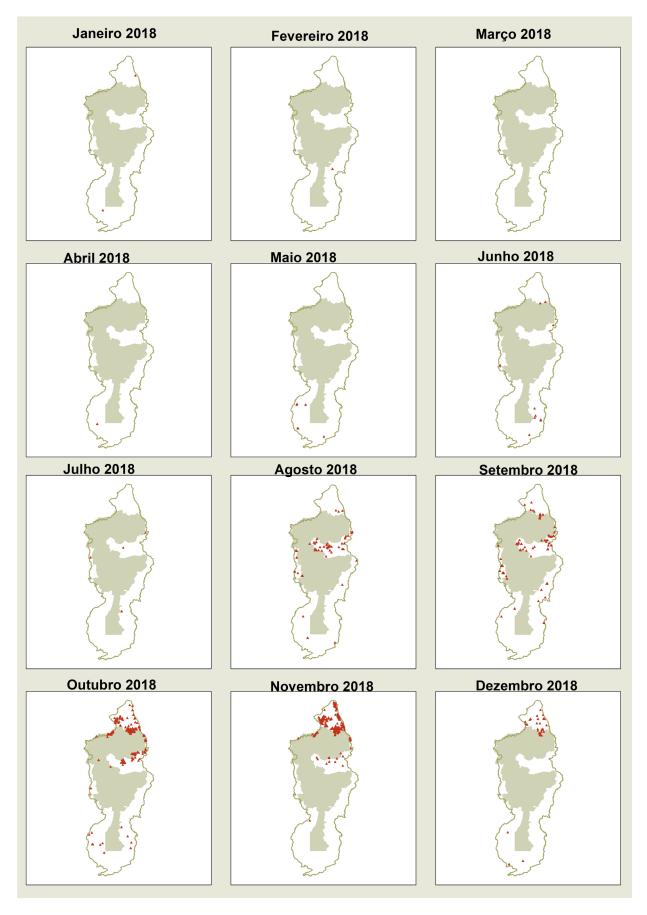
A matriz mostra essa tendência de distribuição de forma geral ao longo destes três anos, mas olhando de perto para a distribuição dos focos de calor de 2020 em relação aos polígonos de desmatamento de 2020 é possível notar um aumento de ocorrência de focos de calor antecedente ao desmatamento, com destaque ao elevado valor de focos (1.113 focos) em agosto/20 que ocorreram em área que só seriam abertas no mês seguinte (setembro/20).

Ainda em 2020, é possível perceber que a maior quantidade de focos em áreas desmatadas no mesmo ano ocorreram em agosto de 2020 em áreas abertas três meses antes, em maio de 2020.

#### MÊS DE OCORRÊNCIA DO FOCOS DE CALOR f2018\_01 | f2018\_02 | f2018\_03 | f2018\_04 | f2018\_05 | f2018\_06 | f2018\_07 | f2018\_08 | f2018\_09 | f2018\_10 | f2018\_11 | f2018\_12 d2018\_01 d2018\_02 d2018\_03 d2018\_04 d2018\_05 DESMATAMENTO d2018\_06 d2018 07 d2018\_08 d2018\_09 d2018\_10 d2018 11 d2018\_12

**Tabela 4:** Distribuição dos focos de calor 2018 incidentes em polígonos Sirad X 2018 (Tabela 3 bloco a). A linha diagonal representa o número de focos de calor estritamente ligados ao processo de desmatamento de 2018. Áreas à direita da linha diagonal representam o número de focos de calor ocorridos em áreas com desmatamento recém detectados no ano.

Os focos de calor que incidiram sobre áreas desmatadas no mesmo ano foram mapeados por mês:

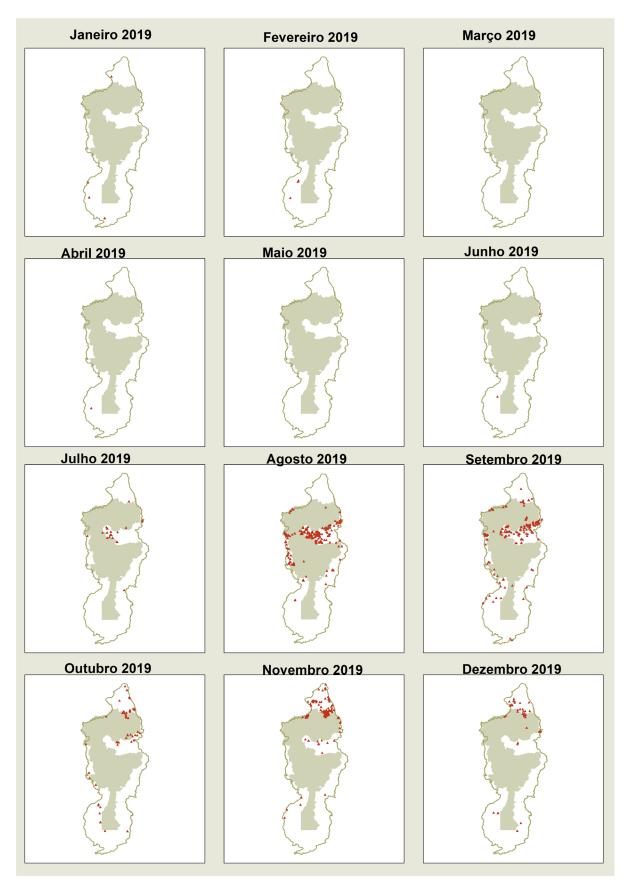


**Figura 23:** Focos de calor 2018 em áreas de desmatamento Sirad X em 2018, distribuídos por mês.

### MÊS DE OCORRÊNCIA DO FOCOS DE CALOR

		f2019 01	f2019 02	f2019 03	f2019 04	f2019 05	f2019_06	f2019 07	f2019 08	f2019 09	f2019 10	f2019_11	f2019_12
	d2019_01	20	7			201	456	457	246	79	41	34	53
	d2019_02	1	7		1	139	435	155	85	46	19	14	16
	d2019_03	1	4			5	38	207	396	61	66	50	3
	d2019_04				2	6	49	502	455	82	100	73	56
Ţ	d2019_05						4	210	724	125	73	74	41
MÊS DESMATAMENTO	d2019_06						2	109	1759	121	81	41	5
ÈS DESIV	d2019_07						2	42	1287	327	129	109	23
Σ	d2019_08							34	718	345	149	134	13
	d2019_09		1			1	6	2	443	455	234	257	43
	d2019_10							3	29	109	86	150	39
	d2019_11	1					5	4	16	41	79	242	52
	d2019_12		2				3		11	157	20	90	86

**Tabela 5:** Distribuição dos focos de calor 2019 incidentes em polígonos Sirad X 2019 (Tabela 3 bloco e). A linha diagonal representa o número de focos de calor estritamente ligados ao processo de desmatamento de 2019. Áreas à direita da linha diagonal representam o número de focos de calor ocorridos em áreas com desmatamento recém detectados no ano.

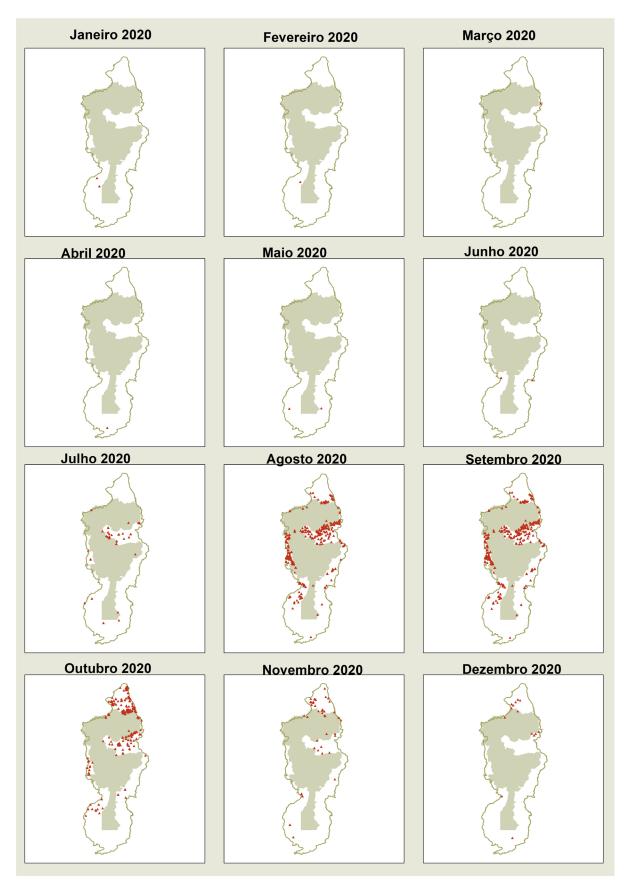


**Figura 24:** Focos de calor 2019 em áreas de desmatamento Sirad X em 2019, distribuídos por mês.

### MÊS DE OCORRÊNCIA DO FOCOS DE CALOR

		f2020_01	f2020_02	f2020_03	f2020_04	f2020_05	f2020_06	f2020_07	f2020_08	f2020_09	f2020_10	f2020_11	f2020_12
	d2020_01	5	1		5	2	32	262	329	150	18	6	7
	d2020_02	3	1		14	70	194	264	333	148	40	56	9
	d2020_03	1		1	4	15	92	133	432	126	62	315	101
	d2020_04	1			3	5	138	93	1258	167	61	70	20
т0	d2020_05					4	40	141	1548	136	46	137	51
DESMATAMENTO	d2020_06	1					3	204	950	132	39	85	26
S DESM.	d2020_07				1	1	1	93	1047	295	148	126	48
MÊS	d2020_08	2			1	3		114	1318	268	86	39	28
	d2020_09	1					4	58	1113	1054	296	30	4
	d2020_10						3	10	86	481	415	67	31
	d2020_11					2	1	21	52	65	143	72	57
	d2020_12						5	14	20	12	10	12	22

**Tabela 6:** Distribuição dos focos de calor 2020 incidentes em polígonos Sirad X 2020 (Tabela 3 bloco i). A linha diagonal representa o número de focos de calor estritamente ligados ao processo de desmatamento de 2020. Áreas à direita da linha diagonal representam o número de focos de calor ocorridos em áreas com desmatamento recém detectados no ano.



**Figura 25:** Focos de calor 2020 em áreas de desmatamento Sirad X em 2020, distribuídos por mês.



Por meio do monitoramento do Sirad X, foi possível acompanhar de perto a evolução do desmatamento das Áreas Protegidas e seu entorno na bacia do Xingu nos últimos três anos, período em que houve a transição de governo e mudanças nas políticas ambientais.

Entre 2018 e 2020, verificou-se o aumento do desmatamento dentro das Terras Indígenas e Unidades de Conservação, evidenciado, principalmente, no ano de 2019, em decorrência da intensificação de invasões de Áreas Protegidas e do recrudescimento da mineração ilegal.

Atualmente, o Xingu é a bacia mais ameaçada da Amazônia brasileira, concentrando as Áreas Protegidas recordistas em desmatamento dos últimos anos como a APA Triunfo do Xingu e as Terras Indígenas Cachoeira Seca, Ituna Itatá e Apyterewa. A região paraense da bacia concentrou os maiores índices de desmatamento, devido, principalmente, à contribuição dos municípios de Altamira e São Félix do Xingu. Altamira compreende áreas intensamente desmatadas devido à pressão de grandes empreendimentos de infraestrutura como a UHE de Belo Monte, e São Félix do Xingu é o município que mais emite gases de efeito estufa do Brasil, tanto pelas altas taxas de derrubada de floresta como pelo maior rebanho bovino do país.

Os discursos do governo favoráveis à redução de Áreas Protegidas, a expectativa da legalização de atividades criminais, como o garimpo mecanizado dentro de Terras Indígenas (PL 191/2020), assim como a ostensiva diminuição das ações de fiscalização, foram um fator importante na atração de invasores nas TIs Apyterewa, Cachoeira Seca, Ituna Itatá, Trincheira Bacajá e Kayapó.

A expectativa de regularização das terras griladas (PL 2633/20 e PL 510/21) também têm impulsionado invasões nas UCs Flona de Altamira, FES do Iriri, Esec da Terra do Meio e na APA Triunfo do Xingu. Sem plano de manejo nem zoneamento, a APA Triunfo do Xingu é a Unidade de Conservação mais desmatada de todo o Brasil nos últimos 10 anos, sendo epicentro de pressões e ameaças para as Áreas Protegidas em seu entorno. A intensificação no desmatamento nessas áreas têm comprometido a integridade do Corredor Xingu como um todo e atualmente coloca em risco a manutenção de sua conectividade.

O mosaico de Áreas Protegidas que forma o Corredor Xingu cumpre o importante papel de manter a biodiversidade e a resiliência da floresta ao garantir o fluxo contínuo de espécies de animais e vegetais desde Mato Grosso até o Pará. O Xingu continua sendo uma verdadeira barreira contra o avanço do desmatamento, do fogo e da degradação que ameaça a biodiversidade, a regulação do clima, e também o modo de vida de indígenas e populações tradicionais que vivem no território. A Amazônia pode atingir o "ponto de não retorno", dando espaço para uma vegetação mais seca e vulnerável, sem capacidade para continuar exercendo suas funções. Em um contexto de emergência climática, proteger o Xingu é proteger a nós mesmos.

